

NOVOS RUMOS

ANO IV — Rio de Janeiro, semana de 4 a 10 de janeiro de 1963 — N.º 203

Embaixada Americana Estimula Golpe Terrorista de Lacerda

- 1 — Novo «Plano Cohen» para levar o País à ditadura
 - 2 — Embaixador Gordon participa ativamente da conspiração
 - 3 — A ação do adido militar norte-americano
 - 4 — A farsa do plano «subversivo»
 - 5 — Lacerda, Falcão, Levy e Adhemar estimulam a ação golpista
 - 6 — Um fascista na polícia da Guanabara
- (Reportagem na 2ª página)

Todos às Urnas no Dia 6 Para Votar

NÃO

É GRANDE ainda o desinteresse das massas populares pelo plebiscito de 6 de janeiro. O que os trabalhadores sentem é a crescente carestia do custo da vida, são as dificuldades cada dia maiores que enfrentam para viver e manter a família. E para os trabalhadores parece evidente que não pode estar apenas na mudança da forma de governo — presidencialismo ou parlamentarismo — a solução dos graves problemas nacionais.

Os acontecimentos das últimas semanas deram, porém, um conteúdo de grande significação política à consulta plebiscitária do próximo dia 6. Já não se trata apenas de dizer sim ou não ao Ato Adicional de setembro de 1961, mas de tomar uma posição política, de conquistarmos uma nova vitória no caminho do progresso e da independência da Pátria.

Os reacionários e entreguistas manifestam viva preocupação pelo resultado do voto popular nas urnas de 6 de janeiro. Através da imprensa reacionária pedem ao povo que se abstenha, e os dirigentes da UDN recomendam intransigentemente ao eleitorado udenista que vote contra o não, que adote uma das três posições, «três comportamentos — como escrevem — que têm em comum o sentido de reação à situação do Brasil: a abstenção, o voto em branco, o voto sim, isto é, pela manutenção do Ato Adicional».

Trata-se evidentemente de uma posição política consciente e em perfeita consonância com as ameaças de golpe e a pressão contra o Governo que vem sendo intensificada nas últimas semanas, pressão que tem por fim a conquista de um governo mais reacionário que o atual, um governo que signifique um retrocesso político, uma derrota das forças patrióticas e democráticas. Certos de que a maioria do eleitorado votará contra o Ato Adicional, querem os entreguistas e reacionários pressionar o presidente da República para que organize, após o plebiscito, um ministério que se oriente no sentido de maiores concessões aos monopólios lanques e a seus agentes em nosso País, um ministério que modifique a política exterior no que se refere à defesa da paz e da autodeterminação do povo cubano e às relações do Brasil com os países do campo socialista, um ministério que se submeta por completo à orientação ditada pelo FMI e aos planos da «Aliança para o Pro-

gresso». Reduzir ao mínimo possível a votação favorável à revogação do Ato Adicional é, pois, uma atitude política que visa desmoralizar e enfraquecer os elementos vinculados ao movimento nacionalista e democrático que participam do atual Governo e, muito particularmente, o presidente da República.

Nestas condições, cabe aos patriotas e democratas compreender a significação política da votação de 6 de janeiro. Ir às urnas e votar não, já agora, não é apenas votar pela volta ao presidencialismo, mas é exigir do sr. João Goulart que organize um ministério que possa inspirar confiança ao povo, um ministério capaz de iniciar as reformas de base e que possa abrir caminho à conquista de um governo nacionalista e democrático.

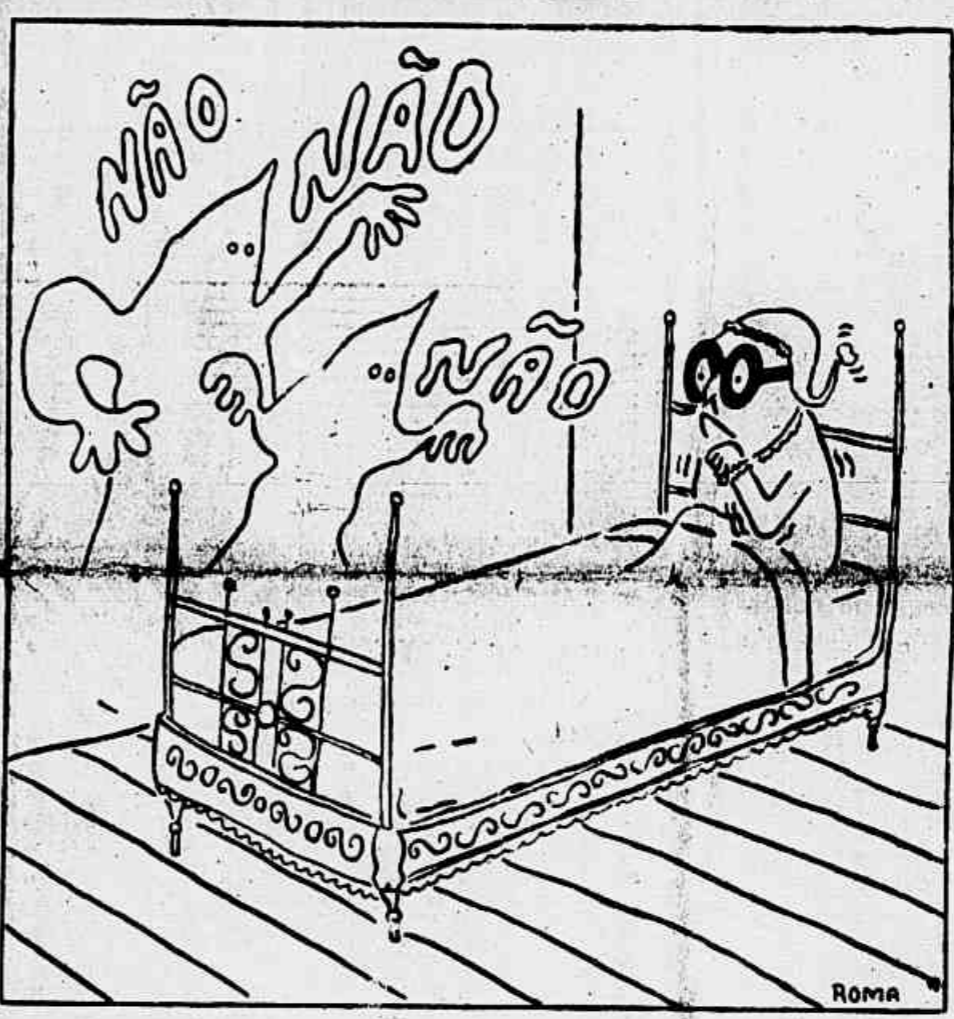
Sem deixar de denunciar e combater a política de conciliação com o imperialismo e o latifúndio do atual Governo, é dever patriótico não vacilarmos no apoio firme de que necessita para resistir com êxito às ameaças do imperialismo e da reação.

É tarefa, pois, dos comunistas utilizar os dias que nos separam das urnas de 6 de janeiro para esclarecer ao maior número possível de eleitores a respeito da questão eminentemente política do plebiscito. É um dever de honra de cada cidadão-eleitor contribuir com o seu voto para derrotar a manobra de Lacerda e dos Herbert Levy, dos Juraci Magalhães e Cid Sampaio, de todos os agentes e fim do imperialismo em nossa terra.

Todas as urnas, pois, por um não categórico que significará a vontade do povo e dirá ao sr. Goulart que dispõe do apoio popular para enfrentar e vencer as pressões reacionárias e as ameaças do governo de Washington. Esse apoio popular colocará o sr. Goulart diante do dever de definir-se, de revelar enfim se está disposto a avançar com o povo pelo caminho da emancipação econômica e do progresso do Brasil, ou a continuar cedendo aos piores inimigos da Nação.

É este o nosso apelo: — Todos às urnas a 6 de janeiro, por um não conscientemente patriótico e progressista!

LUIZ CARLOS PRESTES



Felicidade e Paz

NOVOS RUMOS já circula hoje no novo ano de 1963. Temos em nossa Redação centenas de mensagens de ano novo de nossos leitores e assinantes de todo o Brasil. Não as recebemos como mensagens formais, que não são, mas como expressão dos mesmos sentimentos que nutrimos em relação ao futuro e em relação ao presente. Sentimentos ligados à felicidade e à paz.

Sentimentos de firme e decidido de luta por dias melhores para o nosso País e para todos os povos. Não temos dúvidas de que estes sentimentos, que traduzem profundas aspirações de bem-estar de todos os brasileiros, se tornarão realidade através do combate comum que travamos. Arduo, incessante, reclamando a tensão de todas as forças patrióticas e democráticas, mas nobre e belo pelos objetivos que envolve. Neste combate são cada dia maiores as forças que o travam e que vêm, dia a dia, reduzir-se o campo do adversário e novas vitórias serem conquistadas no mundo pela democracia e o socialismo. Mais do que em qualquer outro ano deste século guerra, 1962 demonstrou aos povos que a paz pode ser salva pelos seus esforços unidos — que por eles a paz foi salva. Esta grande vitória nos anima a prosseguir na luta, convictos de que novas derrotas poderão ser infligidas às forças da guerra — o imperialismo e a reação, no mundo e em nosso País. Aos nossos leitores retribuimos os votos de felicidade e paz que nos enviaram e lhes transmitimos estes mesmos votos: felicidade e paz.

Violência Dos Latifundiários Contra Camponeses: Paraná

Texto na 5ª página

Cuba: 4 Anos

A 2 de janeiro, a República Socialista de Cuba iniciou o seu quinto ano de existência.

Os quatro anos decorridos desde a vitória da revolução cubana particularizaram-se como um dos períodos mais tempestuosos que tem atravessado a América.

A revolução cubana, pela sua importância interna, pelos problemas que enfrentou, entre os quais a conquista da independência nacional, a luta contra o imperialismo e, pelo caráter que adquiriu, transformando-se rapidamente numa revolução socialista, passou a exercer influência direta e imediata sobre todos os países latino-americanos. Transcendeu, por isso mesmo, as fronteiras de Cuba.

Nem por outro motivo, lançou-se em fúria o imperialismo norte-americano contra Cuba, contra a revolução cubana, contra o povo cubano. O boicote econômico, os bombardeios dos canais, os ataques a cidades abertas, a mais abjeta propaganda de mentiras contra Cuba precederam a tentativa de invasão dos contra-revolucionários, com o apoio direto e ostensivo do governo dos Estados Unidos. Playa Girón ficou como um símbolo da derrota dos bandos reacionários que assaltaram a ilha, numa tentativa desesperada de derrotar a revolução e reimplantar o antigo domínio dos imperialistas sobre Cuba e suas riquezas. O presidente Kennedy acaba de passar recibo pelo malôgo da vergonhosa investida dos inimigos do povo cubano. Ao receber de volta os mercenários remanescentes do desembarque de Playa Girón, postos em liber-

dade pelo governo cubano, Kennedy as saudou oficialmente e prometeu-lhes ajuda para o prosseguimento de sua aventura contra-revolucionária. Isto depois de haver a mesma política aventureira dos imperialistas americanos colocado o mundo à beira da guerra termonuclear, tendo mais uma vez como centro a revolução cubana. Como prefexito o chamado «problema cubano».

O importante a assinalar-se hoje é que a revolução cubana completou seu quarto aniversário. Quatro anos de provações para o povo cubano, empenhado em consolidar suas conquistas revolucionárias e em particular sua independência nacional. Mas quatro anos de fermentação revolucionária em todos os países dependentes e coloniais, em todo o mundo subdesenvolvido, particularmente na América Latina, cujos povos lutam contra o imperialismo e o desenvolvimento econômico.

A grande lição para estes povos é que, graças ao apoio do campo socialista mundial, graças à potência da União Soviética, o imperialismo não pode mais decidir impunemente os destinos dos países que lutam por sua libertação. Estes países não estão mais à mercê dos bandidos imperialistas. Mesmo entre dificuldades podem construir o seu futuro como países livres e soberanos.

Por isso mesmo, a revolução cubana tornou-se uma causa de todos os povos latino-americanos, reclamando a simpatia e a solidariedade que devemos aos pioneiros de uma nova época que se inicia em nosso Continente.

13º Salário: Telegrafistas e Bancários Poderão ir à Greve; Têxteis Reclamam na Justiça

Texto na 2ª página

A greve dos oficiais de náutica

Em artigo que o leitor encontrará na 2a. página, o dirigente sindical Luiz Ghilardini explica as causas e as razões da greve dos oficiais de náutica que há mais de 10 dias paralisa uma parte considerável do movimento marítimo do País. Denuncia a ação dos elementos provocadores infiltrados no movimento sindical e mostra por que o governo federal é responsável pela eclosão do movimento.

Livros de uma geração inquieta

A página 5, você encontrará, sob este título, um artigo de Rui Facó dedicado à literatura política escrita no Brasil em livros durante o ano passado. Mostra-se aí o quanto este gênero de obras ganha importância em nosso País nos últimos tempos, como parte do processo de tomada de consciência do povo brasileiro dos problemas que reclamam solução e de que dependem o seu futuro e bem-estar.

O Plano Trienal de Celso Furtado

Leia na 7ª página

A'mino Afonso Defende Mandatos e Denuncia: Delegado do DOPS Vale Mais do Que Voto do Povo

Texto na 6ª página

Plataforma revolucionária

Artigo de grande atualidade, transcrevendo hoje da revista de assuntos internacionais Problemas da Paz e do Socialismo: «Plataforma Revolucionária do Movimento Comunista Internacional». A nova situação em que se processa a luta pelo socialismo no mundo, as vitórias de significação histórica alcançadas pelos povos na sua luta pela liberdade, a construção do socialismo em todo um sistema de países socialistas, com novas e ricas experiências, o surgimento das situações revolucionárias (que antes só se criavam com as guerras), o apoio que os povos têm da parte dos países socialistas em sua luta pela independência, a democracia e o socialismo — eis alguns dos temas discutidos no artigo que reproduzimos na pag. 4, para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores.

Por Causa do 13.º, Bancários, Rodoviários e Telegrafistas em Greve e Têxteis na Justiça

A Greve Dos Oficiais da Marinha Mercante

Luiz Guillardini

Por causa do 13.º salário, rodoviários, bancários e telegrafistas...

tas é parecido com o dos bancários, pois os patrões...

RODOVIÁRIOS

Quando esta edição estiver circulando os rodoviários...

ter os empregados das empresas reciclantes, convocando-os a esperar até 31 de dezembro...

BANCÁRIOS

Desde o início do mês de dezembro, circulavam rumores de que os bancos...

TELEGRAFISTAS

A greve dos empregados em empresas telegráficas, radiotelegráficas e radiotelefonicas...

"Greve nacional" — greve dos líderes sindicais, TEXTEIS

Os têxteis têm o mesmo problema, mas vão recorrer à Justiça para forçar seus patrões...

"Vamos esperar alguns dias. Se as empresas não cumprirem o acordo...

São muito baixos os salários dos têxteis, principalmente os salários dos trefeleros...

Na Justiça, os têxteis vão reclamar que o 13.º salário lhes seja pago...

PLEBISCITO É TEMA DE COMÍCIO EM PORTA DE FÁBRICA

Levando a campanha do plebiscito aos trabalhadores, o deputado e líder sindical...

lando NAO, ajudar na realização das reformas de base que o País reclama.

UM PRESENTE QUE É LEMBRADO DO ANO TODO

Dê ao seu amigo, parente ou conhecido uma assinatura de NOVOS RUMOS para 1963...

Leia e divulgue NOVOS RUMOS, semanário de circulação nacional.

FUNDAMENTOS DO MARXISMO-LENINISMO

Pela primeira vez em português em um só volume todos os principais elementos da doutrina marxista-leninista

União Dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB)

EDITAL DE CONVOCAÇÃO (Assembleia Geral Ordinária) A Diretoria, usando das atribuições que lhe confere o artigo 24, alínea D, dos Estatutos...

CURSO DE MARXISMO (JACOB GORENDER) COMEÇA DIA 9

Terá início dia 9 do corrente o curso de filosofia ministrado pelo professor Jacob Gorenader...



Oswaldo Pacheco, líder nacional do CGT:

"Trabalhador já Sabe Que só Reformas de Base Resolvem os Problemas Brasileiros"

O trabalhador marxista está convencido de que o salário mínimo e o 13.º salário somente foram conseguidos por causa da última greve...

UMA VITÓRIA «Da mesma forma que o trabalhador do Sul, o do Nordeste sabe que o salário mínimo e o 13.º salário não foram dados de mão beijada...

concretas e objetivas de combate à carestia sejam adotadas. Lutando para que as reformas de base se tornem realidade, deixem de ser apenas tema de plataforma política e eleitoral.»

anos passados, vi que a miséria infiltrou-se em áreas mais extensas e está produzindo mais vítimas.

regime. Para eles, como de resto para os trabalhadores em geral, o importante não é a forma exterior do Governo, mas o programa de trabalho que ele se propõe executar...

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DA DESTILAÇÃO E REFINAÇÃO DO PETRÓLEO DO ESTADO DA GUANABARA

Ao ensejo do Ano Novo, desejamos transmitir a todos os trabalhadores da nossa Pátria os melhores votos de paz e felicidade. Que 1963 constitua mais uma etapa de vitórias na gloriosa luta em prol das reivindicações máximas do povo brasileiro...

POBREZA E CARESTIA

Peça natureza de suas atividades — estivador e líder sindical de prestígio em todo o País — Pacheco é um homem que não se impressiona por pouco.

RECLAMANDO REFORMAS

Durante a sua recente viagem Pacheco participou de dezenas de reuniões sindicais, discutindo problemas específicos dos trabalhadores e do Comando Geral dos Trabalhadores.

NOVOS RUMOS - Distribuição: Rua... (Address and contact information for the publication)

A Plataforma Revolucionária do Movimento Comunista Internacional

Reproduzimos abaixo o texto de um artigo publicado no n.º 11 da revista internacional PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO, sob o título «A Plataforma Revolucionária do Movimento Comunista Internacional». Como verás os leitores, trata-se de um artigo de mais alto interesse para as forças revolucionárias e todas as pessoas progressistas também de nosso País. O artigo de PPS aborda questões essenciais relacionadas com a concepção estratégica do movimento revolucionário mundial contemporâneo, esclarecendo as novas perspectivas que se abrem hoje diante das forças que lutam pela paz, a independência, a democracia e o socialismo. É o seguinte o artigo:

Depois da Segunda Guerra Mundial, os acontecimentos evoluíram com uma extraordinária rapidez. Sob a pressão das forças que constroem o socialismo e dos povos em luta por uma liberdade nacional e de todo o movimento operário e democrático, o capitalismo sofre derrotas históricas sucessivas.

Nessas condições, uma importante tarefa apresenta-se aos comunistas: analisar e avaliar criticamente as mudanças verificadas no mundo e — posto que tais mudanças ocorram em discussões o problema do surgimento de uma nova etapa no desenvolvimento da estratégia comunista na luta universal pelo socialismo — elaborar sobre essa base um plano de ação para o futuro.

Um dos pontos importantes no processo de realização dessa tarefa foi a Conferência de 1957, em Moscou, da Paz, da Conferência de Representantes dos Partidos Comunistas e Operários realizada em Moscou, em novembro de 1957, onde foram formuladas algumas teses fundamentais decorrentes da apreciação da nova etapa histórica e da nova etapa do movimento operário e democrático.

I NOVA ETAPA DO MOVIMENTO OPERÁRIO E COMUNISTA

Entre as novas teses na Declaração de 1957 figura a definição do caráter de nossa época como época da passagem revolucionária de toda a humanidade do capitalismo ao socialismo. Na Declaração de 1960, os partidos comunistas e operários concretizaram essas teses através da análise da nova etapa, a terceira, da crise geral do capitalismo, e concluíram que o sistema socialista mundial, juntamente com as forças que lutam contra o imperialismo, determina, o conteúdo principal, a direção principal e as peculiaridades principais do desenvolvimento histórico.

Dessa definição de nossa época deduzem-se conclusões fundamentais para a política do movimento operário e comunista.

A Declaração de 1957 formulou, em particular, importantes teses sobre a ampliação das perspectivas e do enriquecimento das formas de transição do capitalismo ao socialismo, fundamentando, por exemplo, as crescentes possibilidades do triunfo pacífico do socialismo: alguns países capitalistas, e mostrou que, hoje, existe a possibilidade real de conjugar uma nova guerra mundial. Em documentos posteriores chegaram-se a conclusões sobre a viabilidade do caminho não-capitalista de desenvolvimento dos jovens Estados nacionais, sobre a correlação entre as tarefas democráticas e socialistas do movimento revolucionário, além de outros problemas.

Tomadas em conjunto, essas teses apresentaram um amplo e claro quadro das novas condições da luta pelo socialismo, a luz das quais é necessário examinar todos os demais aspectos do desenvolvimento progressista da sociedade contemporânea. Isto diz respeito, antes de tudo, a maneira de apresentar a questão da luta pela paz como tarefa primordial dos comunistas.

A paz tem sido sempre uma das primeiras exigências democráticas dos partidos marxista-leninistas da classe operária. Hoje, quando a guerra, em consequência do aparecimento das armas de destruição em massa, se torna uma catástrofe que jamais a humanidade conheceu, que acarretaria uma destruição monstruosa das forças produtivas e milhares de milhões de vidas humanas, e absolutamente lógico que os comunistas deem maior atenção que nunca à luta pela paz. Mas isto não significa em absoluto que o interesse de classe do proletariado — a luta pelo socialismo — ou os interesses dos povos subjugados pelo imperialismo fiquem relegados a um plano secundário. Uma peculiaridade característica de nossa época consiste precisamente em que um movimento democrático como a luta pela paz se converta, no fim de contas, em parte integrante da luta pelo socialismo e ajude — como veremos adiante — a incorporar milhões de trabalhadores à luta política contra o imperialismo.

A inexistência de um conflito bélico mundial cria também condições favoráveis à libertação nacional dos países oprimidos e ao fortalecimento da independência dos Estados já emancipados do jugo colonial, e contribui para que, nesses países, tenham seu curso normal os processos sociais e políticos que, através de todas as formas de luta, conduzem finalmente ao socialismo.

O Manifesto da Paz aprovado pela Conferência de 1957 orientou os partidos comunistas no sentido do desenvolvimento de um movimento anticolonialista, para a luta contra os imperialistas, o imperialismo, norte-americano em particular, e a luta, em primeiro lugar, contra a principal força agressiva, o imperialismo, norte-americano. Organizando as massas para a luta, os partidos levam em conta que os preparativos de guerra e a consequente militarização de todos os aspectos da vida social proporcionam à burguesia armas suplementares para reprimir e enfraquecer o movimento operário e para exportar a contra-revolução. As incessantes maquinagens de guerra, a luta contra o campo socialista e o movimento nacional-libertador, sobretudo o bloqueio declarado à Cuba socialista, que pôs o mundo à beira da guerra, demonstram a palpante atualidade do Manifesto. E não resta a menor dúvida de que os êxitos na luta contra o imperialismo e a agressão, e para impedir a guerra, contribuem para ampliar as possibilidades de que dispõem as forças do progresso, as forças do socialismo.

Nos marcos da nova época, adquire um relevo cada vez maior a tese sobre a possibilidade crescente da passagem ao socialismo por via pacífica. Ao contrário dos revisionistas, para os quais o caminho pacífico para o socialismo se processa através do voto, os marxistas consideram que o fundamental na transição pacífica é a ação política maciça dos trabalhadores, encabeçados pela classe operária. A força do exemplo dos países socialistas, que constroem vitoriosamente a nova sociedade, ajuda a ganhar as mais amplas massas para as ideias comunistas. Nos países capitalistas criam-se condições cada vez mais favoráveis para a formação de uma ampla aliança das forças antimonopolistas. Na terceira etapa da crise geral do capitalismo, tudo isso abre, numa série de países, a perspectiva real de uma superioridade decisiva das forças revolucionárias, o que é imprescindível para a passagem ao socialismo por via pacífica.

Uma particularidade da situação histórica contemporânea consiste, precisamente, em que o aproveitamento das premissas objetivas favoráveis para conquistar o poder e passar ao socialismo, depende cada vez mais da justiça da política do partido da classe operária, de sua capacidade de escolher as melhores formas de luta que estejam em concordância com as condições nacionais concretas, e da flexibilidade de sua ação táctica.

Dai se conclui que nas circunstâncias atuais também se coloca sob forma nova o problema da situação revolucionária.

Enquanto anteriormente, como nos ensina a experiência histórica, a situação revolucionária só se criava, praticamente, em tempo de guerra ou nos momentos de profundas convulsões econômicas e das mais encarniçadas formas de choque entre os interesses de classe hoje, na terceira etapa da crise geral do capitalismo, as possibilidades objetivas de conquistar o poder são determinadas pelo curso do desenvolvimento histórico de cada dia, pela luta entre o socialismo e o capitalismo na arena mundial, luta que transcende todo o signo do constante crescimento do papel, do poder e do signo do constante crescimento do papel, do desenvolvimento diário das relações políticas e econômicas próprias do capitalismo contemporâneo, que giram em torno do aguçamento constante das contradições entre os monopólios e toda a nação.

Isto não quer dizer, é óbvio, que em todos os países capitalistas, sem exceção, exista algo parecido a uma situação revolucionária "permanente". Mas, sim, significa, em primeiro lugar, que na cadeia do capitalismo há sempre, ou quase sempre, um ou como é mais frequente, vários elos de onde se cria a situação. Em segundo lugar, isto significa que cresce o papel do fator subjetivo ou, noutras palavras, que a criação de uma situação revolucionária de-

pende cada vez mais das ações intensas, energéticas e justas das próprias forças revolucionárias.

O lustro decorrido desde que foi aprovada a Declaração já permite emitir um juízo sobre a justiça de sua conclusão acerca da nova etapa na estratégia do movimento comunista. Ao longo desses anos, os imperialistas não conseguiram desencadear uma "grande" guerra. Esses anos não trouxeram catastróficas convulsões econômicas para o sistema capitalista. E, nessas condições "habituais", sem guerras nem crises, é que as forças revolucionárias têm conquistado magníficos êxitos no mundo capitalista.

Ao comemorar o aniversário da Declaração de 1957, o movimento comunista faz, com satisfação, o magnífico balanço do último quinquênio e, à luz de seus resultados, torna-se consciente de suas crescentes responsabilidades no sentido de aproveitar, verdadeira e plenamente, as novas possibilidades que se abrem à humanidade.

2 UTILIZAR PLENAMENTE AS VANTAGENS DO SOCIALISMO

Os participantes da Conferência de Representantes dos Partidos Comunistas e Operários dos países socialistas, realizada em 1957, constataram que o sistema socialista se encontra no auge e que obtém êxitos contínuos. Sintetizando a experiência adquirida por todos os países socialistas e por todas as forças revolucionárias, formularam as leis fundamentais, objetivamente inevitáveis e necessárias, sem as quais não pode o movimento revolucionário alcançar os fins que persegue. A Conferência deu fundamentação científica à conexão entre as leis gerais e o mecanismo de sua ação em condições nacionais específicas.

Três anos depois, os representantes dos 81 partidos proclamaram, em sua Declaração, que o sistema socialista havia completado uma importante etapa de seu desenvolvimento (haviam-se realizado as transformações econômicas e sociais fundamentais, que asseguravam o domínio absoluto da propriedade socialista no conjunto dos países socialistas e tinha sido abolida para sempre a exploração do homem pelo homem), e entrava num novo período.

Na nova etapa de desenvolvimento do sistema socialista mundial serão resolvidas as seguintes tarefas principais:

— na maioria dos países socialistas criar-se-á a base material e técnica de uma sociedade socialista desenvolvida e serão preparadas as condições para a construção do comunismo; na URSS, a base material e técnica do comunismo será criada.

— o mundo socialista ultrapassará, consideravelmente, o mundo capitalista, quanto ao volume da produção, e triunfará na emulação econômica entre os dois sistemas.

— os acontecimentos políticos internacionais desenvolver-se-ão em meio a uma influência sempre crescente — até chegar a ser, realmente, decisiva — do socialismo; isto permitirá banir as guerras mundiais da vida da sociedade.

— Ao analisar a perspectiva de novas vitórias do socialismo e do comunismo, os partidos procuram antes de tudo, nas condições da atual etapa da emulação entre o socialismo e o capitalismo, o elo fundamental da solução dos problemas históricos já maduros.

Nos dias em que se empreende a construção do socialismo na Rússia, quando apenas começava a emulação entre os dois sistemas sociais, que havia de decidir o destino da humanidade, Lênin, com sua genial clarividência, disse: "O resultado dessa emulação será decidido, em definitivo, pela mais alta produtividade do trabalho: o socialismo exercerá sua influência sobre o curso da história universal". A cada nova etapa de desenvolvimento dos países socialistas e de sua emulação com o capitalismo mundial, essas ideias de Lênin adquirem um significado cada vez maior para as perspectivas da humanidade. Isto quer dizer que a solução dos problemas econômicos é, em nossa época, uma tarefa política fundamental dos partidos que estão no poder.

A história mostrou com toda evidência que no sistema socialista, em seu conjunto, e em cada país que rompeu com o capitalismo, está assegurada a vitória política e econômico-social das relações socialistas. Naturalmente, no caminho do desenvolvimento do socialismo, erguem-se não poucas dificuldades, provocadas pelas próprias condições desse desenvolvimento, pela pressão do imperialismo, etc. Mas, a superação das dificuldades e, por conseguinte, os ritmos da construção do socialismo nas atuais circunstâncias, dependem de modo decisivo da justiça da política econômica.

O plano de edificação comunista, aprovado no XXII Congresso do PCUS, e os planos econômicos a longo prazo elaborados por outros países socialistas estão animados do propósito de alcançar, num curto prazo histórico, um incremento impetuoso das forças produtivas da sociedade à base do mais amplo progresso técnico e do aumento da produtividade do trabalho. Isto tornará possível criar a base material e técnica do comunismo, assegurar um alto nível de vida, prosseguir a transformação das relações sociais, elevar a sociedade a níveis completamente novos e conquistar uma vitória decisiva na emulação com o capitalismo.

E uma vez que a mais alta produtividade do trabalho é, em última análise, o expoente fundamental da vitória da nova sociedade sobre o velho regime, a chave do êxito na emulação com o capitalismo consiste em encontrar, no próprio socialismo, as motas econômicas adequadas, mais efetivas, que expressem a essência das novas relações sociais e sua superioridade real sobre o capitalismo e que permitam elevar de modo decisivo a produtividade do trabalho social. Na prática, isto significa — como assinalam os partidos em suas resoluções — aprender cada vez melhor a administrar, a utilizar plenamente as vantagens objetivas das relações de produção socialista.

A experiência do desenvolvimento do socialismo mundial mostra que o trato voluntarista e subjetivista dos problemas econômicos importantes, a tentativa de queimar os degraus e as etapas necessários ao desenvolvimento normal, harmonioso e proporcional da economia, pretendendo fazer tabua rasa das exigências da produção moderna, e a violação dos princípios da economia nacional e a comprometer o êxito dos planos traçados. As leis econômicas do socialismo castigam duramente aqueles que tentam "anular-las" ou delas fazem caso omisso.

A imensa e multifacetada experiência já acumulada pelo sistema socialista facilita em nossos dias o conhecimento e o domínio dos métodos científicos de direção econômica. O estudo e o aproveitamento dessa experiência simplificam a procura de soluções justas, reduzem os prazos da pesquisa e ajudam a evitar muitos erros e dificuldades e a encontrar mais rapidamente os métodos mais eficientes da atividade econômica. Aproveitar com espírito criador a experiência acumulada é realmente uma condição indispensável à correta aplicação das medidas econômicas e sociais pelas forças revolucionárias que exercem o poder.

Os marxistas sempre rejeitaram a cópia mecânica da experiência de outros partidos, já que a limitação que impede a utilização das possibilidades internas decorrentes do desenvolvimento histórico de cada nação e fração, portanto, a marcha para o progresso. Por outro lado, os marxistas jamais estarão de acordo, em quaisquer circunstâncias, com os que, invocando as condições específicas da passagem ao socialismo neste ou naquele país e os erros cometidos, pretendem ignorar a experiência adquirida por esses países.

É claro que a utilização da experiência acumulada não exclui os partidos da necessidade de elaborar continuamente e levar à prática novos métodos de atividade econômica e política. E precisamente assim que se enriquece o tesouro comum do marxismo-leninismo.

O desenvolvimento das forças produtivas da sociedade contemporânea confirma cabalmente a genial ideia de Lênin de que a via do verdadeiro florescimento econômico consiste na divisão internacional do trabalho. Daí porque a organização econômica geral do sistema socialista em bases científicas pressupõe, sobretudo, determinar corretamente as perspectivas e o rumo da divisão internacional do trabalho.

A divisão socialista internacional do trabalho, baseada nos princípios da igualdade soberana e da ajuda mútua, fraternal de todos os seus participantes, permite a cada país o pleno aproveitamento de seus recursos, descobrir e por em ação todas as reservas e, em consequência, acelerar consideravelmente o ritmo de seu desenvolvimento econômico. Ao mesmo tempo, a colaboração econômica, ampla e profunda entre os países socialistas, a especialização e a cooperação de sua produção, a coordenação multilateral de sua política econômica farão com que se eleve sensivelmente a produtividade do trabalho social e aumente de modo substancial a eficiência de toda a economia socialista mundial. Assim se logrará reduzir em muito os prazos estabe-

lecidos para que o socialismo alcance seu objetivo histórico: vencer o capitalismo na emulação econômica.

Por isso, é elemento essencial do internacionalismo proletário na fase atual da luta entre os dois sistemas, uma política econômica dos países socialistas que tenha mais em conta as exigências dos processos objetivos de internacionalização das forças produtivas. Ao contrário, toda política que padeça de estreiteza econômica nacional e toda tendência à autarquia são incompatíveis com o internacionalismo proletário e prejudiciais a causa comum.

As possibilidades dos países da comunidade socialista não conhecem fronteiras. Os êxitos dos anos passados lhes asseguraram uma sólida base de desenvolvimento posterior. Claro que, por si só, automaticamente, tais êxitos não dão solução a todas as tarefas que se erguem ante o mundo socialista. A fim de avançar com sucesso é necessário trabalhar com afinco, e preciso uma luta perseverante, cotidiana, dos partidos e dos povos, pelos objetivos a que aspiram. A este respeito adquire extraordinária importância o problema dos métodos e dos meios de luta.

O único princípio de que "o fim justifica os meios" é inaceitável para os comunistas. O comunismo, a mais nobre causa da humanidade em todos os tempos, deve ser edificado pelos meios mais nobres, democráticos e humanos. Os comunistas rejeitam o culto à personalidade e seus métodos. E por isso entendem que não é possível conquistar novos êxitos sem se libertarem do peso dos erros e das deformações em que se incorreram no passado e sem a instauração de uma ordem perfeita dentro de sua própria casa.

Os métodos e as formas de direção errôneas, ligados ao culto à personalidade, e a substituição da análise concreta de cada situação determinada pelas resoluções arbitrárias, com o "referendo" de citações "infalíveis", impedem que sejam inteiramente reveladas as vantagens da nova sociedade, retardam seu desenvolvimento e multiplicam os aspectos políticos deste problema: as massas trabalhadoras estão dispostas a suportar todas as privações e dificuldades, quando causadas por condições objetivas, como a guerra, a necessidade de restaurar a economia destruída por ela, etc., mas não as compreenderão se elas provêm de erros na direção da política econômica. O mesmo se pode dizer quanto às restrições à democracia e a muitas outras coisas.

Um meio de luta muito importante para liquidar as consequências do culto à personalidade é impedir o seu surgimento no futuro e a estrita observância dos princípios leninistas da Vida do Partido, a crítica e autocrítica comunistas.

Os partidos que estão no poder nos países socialistas valorizam seus êxitos com um sentido realista; não fecham os olhos às dificuldades ainda existentes, às falhas e aos erros cometidos, e lutam com energia e espírito autocrítico para corrigi-los. Os comunistas do mundo inteiro apreciaram grandemente, por exemplo, a corajosa política conduzida pelo CC do PCUS de denunciar o culto à personalidade e extirpar suas consequências. Um espírito de autocrítica construtiva inspira o documento elaborado pelo Partido Comunista da Tchecoslováquia para seu próximo congresso — "As perspectivas do desenvolvimento de nossa sociedade socialista" — e os materiais elaborados pelo CC do Partido Socialista Operário Húngaro, o CC do Partido Comunista Búlgaro e o CC do Partido Socialista Unificado da Alemanha para apresentá-los, igualmente, a seus respectivos congressos.

Algumas vezes, mesmo, pessoas amigas do socialismo perguntam: "Por que vocês falam tanto de suas deficiências? Assim, estão dando armas ao inimigo! Não seria melhor que se limitassem a expor as tarefas positivas para o futuro sem dar publicidade à parte crítica?"

Nada há mais falso do que essa atitude. Sem revelar até o fundo a natureza e as causas das deficiências, estas não poderão ser corrigidas. Além disso, o Partido não poderá contar com o apoio ativo do povo na luta para vencer as dificuldades que existem se não leva ao conhecimento das massas a parte crítica de sua análise. A sinceridade do Partido e sua honestidade no exame de todos os fenômenos da vida asseguram-lhe o apoio incondicional dos trabalhadores e ajudam a formar cidadãos dinâmicos e com espírito de iniciativa, que estão a par de todos os problemas do país e são capazes de lutar conscientemente por seus ideais; os robots que obedecem cegamente a uma disciplina imposta de cima constituem uma categoria estranha ao socialismo.

Por outro lado, os intentos de esconder a realidade com o véu cor-de-rosa de uma fraseologia altissonante, o desejo de dissimular os próprios erros e o negar-se a reconhecê-los causam um enorme prejuízo às justas relações que devem existir entre o Partido e o povo, enfraquecem a causa do socialismo.

Naturalmente, os inimigos do socialismo utilizam com torpes propósitos as declarações autocríticas dos partidos. Num certo sentido, isto pode causar algum dano, ainda que por pouco tempo. Mas, em primeiro lugar, corrigir as deficiências e os erros na construção socialista é muitíssimo mais importante para a causa da revolução do que a momentânea vantagem propagandística que os adversários obtêm. Em segundo lugar, esta vantagem é muito relativa, pois cada trabalhador consciente do mundo capitalista poderá comprovar que os comunistas não temem reconhecer eles mesmos seus erros; quer dizer que são fortes. E, no fim de contas, o prestígio do socialismo cresce ainda mais.

Em nossos dias, a construção socialista é uma parte decisiva do processo revolucionário mundial. E é porque ela realiza a melhor e mais convincente propaganda em favor do socialismo. Daí se deduz, com toda clareza, a imensa responsabilidade que pesa sobre os ombros dos comunistas membros dos partidos que dirigem os países do campo socialista. Cada nova realização destes países centupla a influência de nossas ideias, robustece as forças do progresso. Inversamente, cada erro nosso é explorado pelos inimigos do comunismo. Por isso, ao movimento comunista internacional não pode ser indiferente o que se passa em cada país socialista. Pela mesma razão, qualquer partido que esteja no poder tem a missão histórica de pesar minuciosamente suas ações a fim de que cada passo seu contribua para o desenvolvimento do processo revolucionário.

3 PELA UNIDADE DO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL

Na Declaração de 1957, os partidos comunistas e operários expressaram com toda a veemência a decisão de reforçar sua unidade ideológica, de sustentar uma luta inilacível contra qualquer atentado a essa unidade e, sobretudo, contra o oportunismo de direita e o revisionismo, de um lado, e o sectarismo "esquerdista" e o dogmatismo, de outro.

Essa luta, parte inseparável da história do movimento comunista, adquire singular importância em nossa época em que as transformações na vida social se verificam com extraordinária rapidez e profundidade. Nos períodos em que se realizam tais mudanças, o revisionismo e o dogmatismo são particularmente perigosos. O revisionismo, interpondo de maneira oportunista os novos fenômenos sociais, pretende introduzir na ideologia e na política "inovações" que de fato não significam outra coisa, senão a renúncia aos objetivos que os comunistas perseguem e à luta para alcançá-los. O dogmatismo, que não vê ou não quer ver as mudanças, impede o aproveitamento das novas possibilidades que se abrem ante o movimento, sob qual hipótese formas e métodos de luta que já não correspondem à realidade e, em geral, conduzem à derrota.

Toda a história do movimento comunista internacional indica que, nem do ponto de vista político nem do teórico, o revisionismo e o dogmatismo são antipódos, senão duas formas de tergiversação oportunista do marxismo criador, dois aspectos distintos da rutura entre a teoria e a prática, duas maneiras de esquivar a tarefa revolucionária.

Ao formular uma série de novas teses teóricas, que representam um desenvolvimento do marxismo-leninismo, a Conferência de 1957 deu uma enorme contribuição à luta contra o revisionismo e o dogmatismo. O movimento comunista internacional, em particular, assessorou a luta contra o revisionismo e o dogmatismo. O movimento comunista internacional, em particular, assessorou a luta contra o revisionismo e o dogmatismo. O movimento comunista internacional, em particular, assessorou a luta contra o revisionismo e o dogmatismo.

A Declaração de 1957 e a de 1960 assinalaram que o perigo principal na atual etapa é representado pelo revisionismo. No período que se seguiu à Conferência de 1957, o movimento operário revolucionário travou uma importante luta contra o revisionismo em que grandes êxitos foram obtidos. Os revisionistas, que durante certo tempo, levantaram a cabeça em alguns setores do movimento comunista, receberam sérios golpes das posturas do marxismo criador, posições que excluem o dogmatismo e o sectarismo e, justamente por isso, foram eficazes. A Conferência de 1960 pôde constatar: "Os partidos comunistas

derrotaram ideologicamente os revisionistas em suas fileiras."

A Conferência de 1957, ao orientar os marxistas para a luta contra os revisionistas, fundamentou, no mesmo tempo, a imperiosa necessidade, para o movimento comunista, de superar com decisão o dogmatismo que, segundo a Declaração, tem na atualidade um caráter internacional. "O dogmatismo e o sectarismo podem constituir o principal perigo nas diferentes etapas do desenvolvimento de um ou de outro partido", constataram os seus participantes. Hoje em dia, o significado dessa afirmação é maior.

Seria ingênuo supor que o dogmatismo significa simplesmente a fossilização do pensamento, o meio do novo, um apego especial às velhas fórmulas e o dar caráter de categoria absoluta à luta armada. Não! O verdadeiro perigo do dogmatismo pseudo-revolucionário contemporâneo é a degenerescência política progressiva dos dogmáticos, que se escondem atrás de uma estentórea fraseologia. O caminho que a nossa vez seguem os dogmáticos albaneses vai da oca defesa verbal de teses teóricas desligadas da vida ao aventureiro oportunismo nacionalista, que solapa a unidade do movimento comunista mundial e, daí, à traição aberta aos interesses de seu próprio povo e de todo o movimento revolucionário internacional.

Como o demonstram os acontecimentos, os dogmáticos começaram seus ataques contestando todas as novas e fundamentais conclusões contidas na Declaração de Moscou de 1957 e na de 1960 sobre a possibilidade de impedir a guerra, sobre as perspectivas crescentes do caminho pacífico para o socialismo, sobre a correlação existente entre as tarefas democráticas e socialistas das forças revolucionárias; não se inteiraram das conclusões de ambas as conferências sobre o significado revolucionário da construção econômica nos países socialistas, sobre a importância decisiva da força do exemplo do regime socialista. Assim, atrairam fora elementos essenciais da concepção estratégica do movimento revolucionário mundial contemporâneo.

O verdadeiro conteúdo histórico dessa posição reside no propósito de impedir que a classe operária utilize novas avançadas de pressão sobre o imperialismo, novas possibilidades de luta pelo socialismo. Que significa, objetivamente, esta linha senão favorecer os desígnios secretos dos imperialistas?

Sem dúvida, em palavra, "em princípio", os dogmáticos tampouco estão contra a luta pela paz, como não estão contra a coexistência pacífica e, por vezes, mesmo, reconhecem a viabilidade abstrata dessas exigências. Mas, quando se trata de fatos concretos sem os quais é vá a luta pela paz (como por exemplo, quando se trata de ampliar as fileiras dos combatentes da paz, unir a frente única dos partidários do desarmamento geral e completo, entabular conversações com os estadistas dos países capitalistas com o fim de aliviar a tensão e resolver pacificamente a questão de Berlim ocidental e outros problemas que engendram a ameaça de guerra), os dogmáticos se lamentam dizendo que isso significa o "abandono" dos princípios, lançam acusações em que falam de "médo" do imperialismo, quando não de "renúncia" à revolução.

Em troca, porém, os dogmáticos não propõem nem podem propor nada, nenhuma iniciativa prática verdadeiramente realizável. A única coisa que fazem é insistir numa condenação verbal do imperialismo. E esta uma posição nociva tanto do ponto de vista do desenvolvimento dos movimentos democráticos como do ponto de vista da luta pelo socialismo.

Com efeito, a participação das amplas massas nos movimentos democráticos e antimperialistas é uma escola prática em que se preparam para essa luta. Incorporar as amplas massas à batalha pelo socialismo foi sempre uma das tarefas centrais da preparação da revolução. Lênin instaurou o movimento comunista internacional a concentrar todas as suas forças e sua atenção na procura das formas de transição ou de acesso à revolução proletária (como se sabe, as mais importantes destas formas durante a Revolução de Outubro de 1917 foram a luta pela paz e a luta pela terra).

Hoje, essa tarefa adquire um significado maior, já que a luta e com maior razão a vitória em condições habituais, relativamente normais, exige grande mobilização de massas em comparação com as situações decorrentes de convulsões políticas e econômicas no campo capitalista.

O dogmatismo e o sectarismo conduzem ao isolamento dos partidos marxista-leninistas das massas, dos amplos movimentos populares de nossa época. A superação do sectarismo, um trabalho inteligente, ativo e paciente nas organizações de massas, uma correta atitude face aos movimentos democráticos, tal é o método seguro para impulsionar a atividade política das massas. Isto permitirá, através da luta democrática de massas, atrair um número cada vez maior de pessoas para o campo dos ativos combatentes antimperialistas e conduzi-las com mais rapidez à batalha contra a reação.

Assim, os fatos demonstram que o dogmatismo, que em palavra se pronuncia a favor das Declarações de 1957 e 1960, é, na realidade, a negação completa de todas as novas conquistas teóricas, políticas e orgânicas do pensamento marxista e da prática revolucionária, sintetizadas em documentos internacionais. Noutras palavras, a negação dessas teses marxistas, que refletem com justiça as condições e as perspectivas do movimento revolucionário, é uma revisão dogmática dos fundamentos do marxismo, revisão que toma um caráter cada vez mais hostil em relação ao movimento comunista e a cada novo passo do desenvolvimento político. Assim o prova, por exemplo, o editorial publicado em 13 de outubro no jornal Zeri i populli.

Se antes os dogmáticos albaneses negavam, de maneira geral, a ligação entre o movimento pela paz e o processo revolucionário, hoje, rompendo completamente com as Declarações de 1957 e 1960, segundo as quais a luta pela paz constitui a tarefa primordial dos comunistas de todos os países, afirmam: "A paz e a coexistência pacífica são uma concepção revisionista para esmagar todo o movimento revolucionário."

Se antes os dogmáticos de Tirana reconheciam, em geral, a conveniência do desarmamento, hoje, através do citado jornal, declaram que o desarmamento geral e completo é uma tentativa revisionista para "sufocar o movimento nacional-libertador."

Com essas e outras teses revisionistas os dirigentes albaneses lançam um reto a todo o movimento comunista mundial, rompem com seus princípios, e mergulham cada vez mais no pantano de um nacionalismo extremo e do aventureirismo pseudo-revolucionário.

A Conferência de 1957 concluiu em sua Declaração: "Hoje, corresponde aos interesses vitais dos trabalhadores de todos os países o apoio que se dá à União Soviética e a todos os Estados socialistas, que aplicam uma política de salvaguarda da paz no mundo inteiro e são o baluarte da paz e do progresso social". A Conferência de Representantes dos 81 Partidos Comunistas e Operários consignou: "Os Partidos Comunistas e Operários declaram unânime e unanimemente que a vanguarda, reconhecida por todos, do movimento comunista mundial foi e continuará sendo o Partido Comunista da União Soviética, o destacamento de maior experiência e mais temperado do movimento comunista internacional. A experiência do PCUS... tem uma importância de princípio para todo o movimento comunista internacional."

Os dirigentes do Partido Albanês do Trabalho tampouco reconhecem estas conclusões dos partidos comunistas. Propõem virulentas campanhas contra o Partido Comunista da União Soviética e seus dirigentes. O já mencionado Zeri i populli, esquecendo toda a realidade e da honradez, escreve que a direção do PCUS "desfraldou a bandeira do revisionismo contemporâneo" e que prepara um complot "contra os partidos marxista-leninistas revolucionários, contra o campo do socialismo, contra todo o movimento revolucionário internacional."

Como vemos, os dirigentes do PAT chegaram ao extremo de repetir as piores mentiras lançadas pelos mais raivosos renegados contra o PCUS. Ao mesmo tempo, na forma e no conteúdo, os dogmáticos de Tirana tomaram posição contra todo o movimento comunista internacional. E mais adiante fazem outra afirmação monstruosa. Esse mesmo jornal escreve que a direção do PCUS "impõe os dirigentes que representam os partidos comunistas e operários pelo caminho da traição."

(Conclui na 7.ª página)

1 Estas teses, por certo, não surgiram do nada; nelas apareciam sintetizadas as conclusões do grande trabalho teórico levado a cabo pelos partidos comunistas e operários. E, do mesmo modo, a Declaração não pôs um ponto final no processo das investigações no terreno teórico, ditadas pelas exigências da época; outro degrau transcendental é a Declaração de 1960 dos 81 Partidos Comunistas e Operários. Uma contribuição valiosa para o estudo desse problema foi dada pelo XXII Congresso do PCUS e pelo programa nele aprovado, bem como por numerosos documentos de outros partidos irmãos aprovados nos últimos anos.

Livros de Uma Geração Inquieta

Rui Facó

Um ano literário fraco em termos de obras publicadas, o ano social que se viu, o ano que se tem conhecido, o ano de chamar de "brasiliano" o conjunto das obras das diversas editoras dedicadas a problemas nacionais, foi consideravelmente enriquecido em 1962. Não seria necessário um levantamento estatístico para que se perceba que as publicações deste tipo ultrapassaram em número as de qualquer outro período recente.

De certo, esta inusitada atividade cultural naqueles domínios corresponde à efervescência política e social em que temos vivido nos últimos anos. Corresponde também a uma crescente participação dos trabalhadores e do povo brasileiro nas decisões dos mais importantes problemas nacionais. E a uma época que se caracteriza ainda pela incapacidade demonstrada pelas classes dirigentes de enfrentarem e resolverem os complexos problemas com que se defronta o País, em particular os problemas do povo, aqueles que consistiam em colocar o desenvolvimento econômico a serviço da esmagadora maioria da Nação: a Nação que trabalha e constrói.

É sintomático o fato de terem aparecido livros e opúsculos, durante o ano findo, dedicados aos problemas da revolução brasileira. Devemos recordar que trazia precisamente este título — "Introdução à Revolução Brasileira" — um trabalho de Nelson Werneck Sodré publicado em 1953. Este ano proliferaram os títulos e, que a revolução é o ponto de partida das considerações dos escritores: "Revolução e Contra-Revolução", "A Pré-Revolução Brasileira", "Que é a Revolução Brasileira? Quem pode fazer a Revolução? Perspectivas da Revolução Brasileira" — são alguns dos títulos de obras lançadas no Rio e em São Paulo. Várias dessas obras despertaram grande interesse e tiveram mais de uma edição. Quase todas foram discutidas na imprensa, de norte a sul do País, encontraram boa receptividade, principalmente nos meios universitários, num sinal evidente de que a revolução brasileira interessa seriamente à nova geração. Uma coleção de folhetos, alguns bem alentados, de mais de cem páginas, com o objetivo declarado de expor os

pontos de vista da intelectualidade de esquerda, obtiveram e continuam obtendo um sucesso precioso porque vão correspondendo a uma expectativa e responder ao desejo de uma discussão aberta das importantes problemas brasileiros da atualidade. A coletânea desses folhetos, "Cadernos do Povo Brasileiro" — lançados os cinco primeiros no começo do segundo semestre de 62, outros cinco nas últimas semanas, já chegaram a cerca de 100.000 exemplares de tiragem global, sendo desnecessário acrescentar mais alguma coisa sobre o interesse que despertaram.

Mas, de que revolução se trata? Não há muita clareza neste ponto. Pode-se dizer mesmo que a confusão é mais ou menos geral, numa prova incontestável do quanto as chamadas esquerdas estão desafiadas, dissonantes e mesmo cisalhadas entre si. Uns opinam que estamos maduros para a revolução socialista. Outros que, ante a revolução agrária, não podemos mais cogitar da distribuição dos latifúndios em propriedade privada, pois temos de passar à coletivização da propriedade. Para outros, a revolução limita-se ao desenvolvimento econômico e a uma relativa autodeterminação nacional, e ir adiante seria um crime...

Infelizmente, porém, não é só na conceitualização de revolução na sua etapa atual que se desentendem os autores destes e de outros trabalhos publicados durante o ano findo. A maioria deles assume ainda uma posição que se poderia qualificar de manéira, como se a revolução não fosse um fenômeno de caráter radical e inabarcável, mas uma situação que atravessa o nosso País. E desnecessário lembrar o quanto assim podem confundir e induzir a erro numerosos leitores, particularmente entre a juventude, menos experiente e menos atenta às nuances da realidade nacional e mais propensa, pelo ardor juvenil, às soluções aparentemente radicais, "revolucionárias".

Se este é o principal aspecto negativo de várias das obras de que nos ocupamos aqui, tem-se que reconhecer que é altamente positivo o seu surgimento mesmo. Tem o grande mérito — afirma as qualidades inegáveis de algumas delas

— de abrir um debate que se tornava imprescindível, ante a crescente complexidade dos problemas que a nação brasileira terá de resolver e que não podem mais continuar entregues à improvisação e ao empirismo.

Percebe-se que os autores dos trabalhos que nos referimos aqui se voltam para a realidade concreta, procuram interpretar a realidade, conforme os interesses do povo e da Nação. E é este outro mérito seu. Revelam em geral uma enorme inquietação ante os problemas do País, mas ao mesmo tempo um natural otimismo, a certeza de que eles podem ser solucionados, por nós mesmos, desde que os trabalhadores e o povo participem do seu encaminhamento. O não ceticismo, o não pessimismo constituem assim outras tantas características dos escritores e publicistas voltados para as soluções a partir das posições da esquerda. Tem de comum que não estão satisfeitos com o presente, e não se pelo fato de que ele deve ser o ponto de partida para a negação de uma ordem de coisas que não pode mais subsistir, a etapa preparatória de uma nova ordem econômica, política, social.

Certamente, algumas das publicações do caráter das que tratamos aqui serão episódicas. Mas o que importa é que neste momento revelam um estado de espírito que não é somente do autor, mas reflexo de inquietudes e preocupações mais ou menos generalizadas. Tem, por isso, o seu papel no processo revolucionário — para usar o termo adequado e oportuno — que estamos vivendo.

E motivo de satisfação verificar que quase todos os autores das obras com o caráter daquelas a que nos referimos, são homens de diferentes filiações partidárias ou sem qualquer partido. Entretanto encontram-se católicos, cuja atuação prática ao lado dos comunistas e dos socialistas enche de furor os velhos honros da reação. Onde se conclui uma vez mais — pois a maioria deles tem tendências socialistas — que embora o capitalismo em desenvolvimento em nosso País exerça atração e influência, não são elas duradouras. A grande força de atração e a influência poderosa do socialismo acabam por prevalecer, não obstante todos os empecilhos, os retrocessos temporários, as crises reais ou aparentes.



Cadernos nos bancários

A 28 de dezembro, no Sindicato dos Bancários (Presidente Vargas, 502, Ed. Sisal, 21.º and.), teve lugar a última grande festa de autógrafos do ano findo. Promoveram-na os bancários para o lançamento de novos volumes da coleção Cadernos do Povo, da Ed. Civilização Brasileira. Os novos autores da coleção: Nestor de Holanda, Bolívar Costa, Teodoro dos Santos Jr. e Franklin de Oliveira, com folhetos individuais. Foi lançado também o segundo volume de Viollão de Rua, organizado por Moacir Felix, reunindo poemas de vários autores, entre os quais Geir Campos, Afonso Romano de Santana, Reinaldo Jardim, José Carlos Capinan, Homero Homem, Heitor Saldanha, Ferreira

Gullar e Moacir Felix. A festa de autógrafos do Sindicato dos Bancários contou com a presença de personalidades, entre as quais o deputado Sérgio Magalhães, o representante consular da Bulgária, o escritor Nelson Werneck Sodré, Vieira Pinto, Astrojildo Pereira, o editor Enio Silveira. Centenas de volumes da coleção Cadernos do Povo, tanto do lançamento anterior como deste, foram vendidos ao grande público na última grande festa de cultura do ano de 62. A fotografia é um flagrante da noite de autógrafos, vendo-se em primeiro plano o professor Alvaro Vieira Pinto, diretor da Coleção Cadernos do Povo.

"A Resistência em Portugal"

Max

O livro de A. G. Duarte "A resistência em Portugal" acaba de chegar às mãos. Na minha opinião é um excelente documento sobre a ditadura portuguesa. E sem me investir da autoridade do crítico mas apenas com a que me dá a circunstância de ter sido, também, um dos anônimos resistentes clandestinos e hóspede por longos anos das masmorras salazaristas, desmascaradas vivamente pelo autor, é que me deixo a formular alguns comentários ao redor do livro em questão.

A obra é útil e oportuna. Veio precisamente no

momento em que se levanta no mundo um clamor unânime contra a repressão fascista que, em Portugal, vai semeando, dia-a-dia, o pranto e a morte. Quando em Paris se reúnem nutridas delegações de vários países da Europa ocidental, com adesões fraternais ao resto do mundo, para exigir que reclame, do governo de Salazar, a liberdade dos presos políticos e o retorno dos exilados. Porém, estamos certos, nenhuma acusação, requisito ou protesto, apresentação dessa magna assembleia de Paris, terá a força dramática e a autenticidade

de documental que emana generosamente deste singular alegato elaborado sem estridências e com visível humildade. "A resistência em Portugal". É singular este livro precisamente pela falta de estridência, pela sua sobriedade tanto na contabilidade literária e acumulação e seleção de dados como na maneira de os utilizar e ordenar, da qual, surge, como por arte de magia, a denúncia implícita, indireta e espontânea. A sua força acusatória reside portanto, não na soma quantitativa dos abusos, na acritude da diatribe ou da blasfêmia, na estridência do grito, mas na repositada, serena e viva exposição da verdade. É que é tão cruel, tão patética a

visão opressiva e repressiva que vive Portugal debaixo da ditadura de Salazar, que carregar as linhas sonoras de sua artificial, tendenciosa e propagandística. Este livro não é um panfleto anti-salazarista; é um documento histórico. E um documento histórico escrito dentro das exigências do objetivismo dialético que não necessita estrair e magnificar os fatos para encontrar-lhes a fibra emocional e dramática que contém.

Num estilo simples e direto, sem desbordos verbais nem sensacionalismo ribombante, Duarte, soube apresentar-nos um livro vibrante, profundo e autêntico, da realidade portuguesa contemporânea, difícil de igualar sobretudo pela forma singular e peculiar em que o fez. Em sucessivas estapas de tons firmes, por vezes duros, val-nos plantando todo um vasto panorama multifórmico, sensível e desparado, como visto através duma seqüência filmada de Benuel ou dum enorme mural de Siqueiros. Quando necessário vai suavizando ou reforçando a fidelidade e as cores com a fidelidade e a dedicação do naturalista, tal como se nos reconstituiria, à sua maneira, as cenas singelas e ve-

ridicas dum Gorky, na "Mãe".

Cada capítulo é um relato fiel da tragédia vivida pela nação portuguesa durante estes 36 anos de terror fascista. Um quadro completo! Autêntico nos seus elementos objetivos e no seu desenvolvimento animado, pois Duarte tem a virtude de imprimir ao relato um sabor humano permanente, nimbando todo o conjunto narrativo dum influxo passional e veemente que comove e exalta. Para o leitor pouco familiarizado com as coisas portuguesas, será um forte impacto que o arrastará inevitavelmente a uma definição condenatória; para aqueles estudiosos, portugueses ou não, que se interessarem verdadeiramente pelo destino do povo português, um documento de invulgar importância e de consulta obrigatória; para aqueles que, vivendo a maneira ou de outra, viveram os acontecimentos descritos, um caudal de emoções de distinta índole, conforme o grau de intensidade com que viveram os acontecimentos e a sua posterior evolução como militantes ou cidadãos.

Para nós, foi o reconhecimento de uma parte importante da nossa vida — o melhor da nossa vida!

Ano Nova vida nova

mas não esqueça as coisas boas do ano passado: uma assinatura de PPS para 1963 por apenas Cr\$ 600,00, e grátis, os números de outubro, novembro e dezembro de 1962. Pedidos para rua da Assembleia, 34, sala 304, Rio (GB). Valores em nome de H. Cordeiro.

Tópicos Típicos

Pedro Severino

No suplemento literário do Diário de Notícias, João Alves das Neves escreveu a respeito de Jorge Mautner, jovem candidato a gênio aparecido em São Paulo, autor de uma trilogia de romances que pretendem constituir uma síntese do conflito entre o racionalismo (Marx) e o irracionalismo (Nietzsche), síntese que foi intitulada de "o Kaos" (assim mesmo, o "Kaos", com "K").

No entusiasmo dos seus 21 anos de idade, Mautner val não e se atribui nada mais nada menos do que a condição de "a síntese de toda a cultura ocidental e oriental" não é mole, não, meus amigos, esclarecendo que se trata de "uma nova síntese alem-Marx" (1).

Diz Mautner, transcrito por João Alves das Neves: "Escrevo levado por um impulso instintivo e escrevo em transe de delírio". Adiante, apropriadamente como um puro gênio criador, um autor que não sofre influências de qualquer outro escritor em seu trabalho, mas que concerne ao seu modo de escrever, "em transe", porém, julgo que pode ser encontrada alguma influência do escritor-médium Chico Xavier...

Interrogado por João Alves das Neves, Mautner explica que a sua trilogia possui um "significado existencial, vivencial (no sentido total do termo, que está convencido de haver escrito "o livro da sua geração") e não tem dúvida de que o seu livro é "eterno, pois que tem o corte profundo da paixão humana".

Não tendo lido, ainda, nem o primeiro romance da trilogia (Deus da Chuva e da Morte), estou impossibilitado de opinar sobre o talento ou a inexistência de talento no módo escritor. As ideias dele, expostas por João Alves das Neves, dão a impressão de que é um rapaz um bocadinho confuso. A confusão, todavia, não exclui a possibilidade de que o livro seja digno de interesse.

O que me parece bastante melancólico é que um escritor disposto a instaurar aquilo que Mautner chama de "a coisa nova" ("é uma nova religião que inaugurou") recorra ao velho, gasto e manjado sistema autoprofissional de todos os cabotins, exigindo, lambeiramente, um diploma de gênio fornecido por ele mesmo.

Mautner bem podia deixar que seus leitores descobrissem por observação própria as qualidades da sua bem dotada pessoa, que, sendo tão grandes como ele arrogava, não há de ser tão difíceis de serem enxergadas. Os leitores ficariam honrados com o crédito de confiança que um escritor tão notável dispensa às suas inteligências consumidoras, permitindo-lhes, no margem de iniciativa no reconhecimento da genuína oferta.

NR ROMANCE

Páginas da Vida

SERGUEI EISENSTEIN

Ilustrações do autor

...A França, ao contrário, exalta a fugacidade da mudança constante, do transitório. Os contornos difusos dos bulevares de Paris flutuando no repêsculo. Os graciosos moinhos do Loire; rio que parece dançar uma valsa por entre os castelos de suas margens. As ondas do rio correm semelhantes a longas cabeleiras, sob cujo outro assomam os cabelos cinzentos das volutas descascadas. Os balles musettes, onde, em plena jornada de trabalho, ocorre o malandrin com sua despreocupada amiguinha para dar umas voltas de valsa, exatamente como todos nós acorremos à voragem da vida, que flui veloz, para que nossa biografia libere algum brilho em certas ocasiões ainda mais fugaz.

All, o estatismo. Aqui, uma mobilidade excessiva. É somente a União Soviética, os Estados Unidos e o México permitem perceber e sentir, cada um de seu jeito e como em três fases, o princípio maior do dinamismo da culminação: o processo de formação.

A União Soviética põe o colofão nesta triade.

Em todas suas fibras palpita a forma superior do processo de formação: o de formação social.

Aqui, o nômade secular apeia-se do cavalo ou do camelo para enraizar-se na terra com as raízes da coletividade.

Aqui, milhões de camponeses individuais se fundem em milhares de fazendas coletivas.

Aqui os povos de uma multidão de nacionalidades se fundem em um todo único socialista.

Aqui foram destruídas para sempre as barreiras que dividiam os homens segundo sua raça, sua classe ou sua nacionalidade.

A América do Norte. Nela zume e ressoa o processo de formação materializante. Na voragem dos homens que vão e vêm por suas ruas, da mesma forma que nos milhares de milhões de empilhados de sua superindústria, percebe-se que a Terra gira, da mesma forma que se nota de quando em quando que a Terra é redonda quando se vê a aproximação das margens pelo lado de Nova Terque.

E aqui descubro, para minha grande confusão, que os velhos retratos que me seduziram não são estimados aqui como objetos dignos dos colecionadores. Fico intrigado de que os aficcionados não procuram os retratos e as pinturas, mas os relicários que viajavam e se deslocavam em companhia de seus donos, exatamente como agora acompanha a cada bom norte-americano até certa idade um relicário com papel e mamãe e, depois de certa idade, outro relicário com a mulher e os filhos.

Entre esses relicários, realmente, existem alguns muito interessantes; não só de couro repuxado, mas também de uma massa que parece pedra talhada... Mas, que me importam os relicários? O que me seduz é o pedaço de espírito vivo da América do Norte passada, apreendido vivo entre essas pastas igual a um mago fabuloso.

Nas profundezas de minha biblioteca conservo alguns desses magos da velha América.

As vezes apanho-os de seu retiro, limpo, limpo a poeta. E durante algum tempo, vejo desfilar em volúveis quadros da imaginação, acontecimentos do passado da América que parecem fugidos desses molduras.

Antes de ter conhecido a obra capital de Margaret Mitchell to romance "E o vento levou" ou a narrativa Anthony Adverse (Anthony de má sorte. (Nota de S. Eisenstein)) estas mágicas lâminas de vidro ou de cinco evocavam o passado prodigiosamente saboroso da América, suas cidades surgidas onde tinham sido pastagens de búfalo ou onde tinham estado os acampamentos dos índios nômades; em volta das pequenas igrejas dos missionários, perdidas entre os bosques e as pradarias virgens, ou sobre a base dos barcos que, depois de atracar junto à pequena missão de São Francisco, lançavam para sempre a âncora na acolhedora baía, enchiam de ar e levavam o espaço que os separava da embarcação vizinha e, levantando assaolhos sobre suas cobertas, convertiam-se nas primeiras casas da futura cidade de São Francisco.

O relicário se fecha. O inevitável trinco encaixa com um estalido. Fecha-se a gaveta da mesa ou a porta da biblioteca em que está guardado.

Muitas horas e muitas milhas antes de que o navio passe pela sombra da estátua da liberdade, emergem sobre o espelho verde do Atlântico colunas quadrangulares de cor rosácea. Seus cílios banham-se no céu matutino, mas não têm base. Não crescem da superfície das águas: estão cortadas pela linha do horizonte.

A base dessas colunas de cor rosácea acha-se atrás do horizonte, e as colunas são os arranha-céus de Manhattan.

A medida que nos aproximamos, conforme desliza nosso navio sobre a superfície do globo terrestre, as colunas tomam altura, elevam-se e se perdem no céu.

E lá se cravam no céu, não como os campanários das igrejas — alegres císteres que apontam para os tráfegos dos anjinhos, segundo Anatole France —, mas sim como explosões de foguetes petrificados em seu vôo.

A coluna estreita da segunda camada de trinta andares salta dos ombros mais largos dos trinta primeiros, e os trinta seguintes lançam-se para cima na coluna mais estreita ainda para imobilizar-se na acessível altura do firmamento, onde procuram alcançar os elevadores que sobem atrás deles e as linhas quebradas das escadas para incêndio.

A partir do ponto de onde o arranha-céu não pode mais crescer, a multidão de aviões que sobem ao assalto da estratosfera recolhe sua inesgotável sede de cravar-se no céu como uma torre de Babel. Diante deles estremece a secular abóboda do firmamento, e atrás de azul manto celestial o próprio Demiurgo aguarda palpitante a entrevista com o homem da época do triunfante processo de formação industrial.

All ao lado está o México, em cuja patriarcal profundidade não assentou ainda seis pés de ferro a indústria.

México, que ainda não despertou e dormita com o sono de suas pitas e suas palmeiras, de seus areais e suas planícies, de seus passaros, de suas ervas novças, de seus golfs e seus picos, de seus trópicos matriarçais e de sua austera virilidade na meseta central.

E voltam a dormir por longos meses as lembranças das estampas que contempil durante algum tempo transportando-me com os sentimentos e as idéias para a biografia do capitão Sutter e para a América de sua época.

O PROCESSO DE FORMAÇÃO

"Quem não sentir nada diante da natureza quando desdobra diante de nós toda sua beleza, quando não desperta, pelo menos parece perdida em sonhos dorados a idéia que nela dorme, quem somente seja capaz de exclamar então: "como é bela a natureza", esse não tem direito a considerar-se superior à massa cizante e amorfa." (F. Engels, Peregrinação pela Lombardia.)

Sinto-me penetrado com estas palavras de Engels. Provavelmente porque houve uma época em que experimental algo parecido e de maneira não menos intensa.

Quis o destino que tivesse de fazer um estudo particularmente profundo da dialética no Centro de México (ano de 1931).

Surpreendi-me o fato de que precisamente ali, precisamente naquele ambiente, os livros — em parte trazidos por mim e em parte enviados da longínqua pátria — me fizessem experimentar de maneira tão palpável, como algo vivo, e não somente experimentar, mas viver, diria eu, seu demoníaco princípio fundamental: o processo de formação.

Estive muito tempo procurando a explicação deste fato, e quando a encontrei, compreendi ao mesmo tempo o enigma ou encanto tão infame do México.

A União Soviética, os Estados Unidos e o México.

A Inglaterra exala a rígida quietude do que foi estabelecido de uma vez para sempre. A cartola de um rapaz de Eton. A guarda medieval dos beef-eaters e o bobo contemporâneo ao pé da Torre de Londres. A peruca dos juizes e o saco de aveia sobre a cadeira do presidente do Parlamento.

México, onde a palavra predileta é o preguiçoso "amanhã" e onde a grandeza remonta a milhões ou se adivinha nos contornos difusos dos séculos vindouros.

México, onde em tudo palpita o processo de formação, primitivo e primário, mas ao mesmo tempo eterno.

Dir-se-ia que esse aspecto devia ter o mundo orgânico nos primeiros dias de sua criação.

Talvez seja porque o índio de hoje está sentado com as pernas cruzadas sobre a pedra, exatamente na mesma atitude que sua imagem de pedra talhada por algum antepassado há milhares de anos. Talvez seja porque sobre milhares de quilômetros invadidos pela vegetação do Iucatã, não pode por o pé sem tropeçar com alguma pedra esculpida, vestígio de uma cultura antiga e de cidades antigas destruídas.

Talvez seja porque a palhoça do nativo se constrói hoje com um oval de varas enfiadas no chão e cobertas de um ligeiro telhado de palha, exatamente igual a figura do códice do piedoso padre Sahagún do século XVI ou dos afrescos pré-históricos que as escavações revelam.

Ou talvez se deva ao enlace do nascimento e da morte que se descobre a cada passo: à invariável sensação de berço que têm os sarcófagos; a vista de um roscel sobre uma pirâmide em ruínas; as proféticas palavras gravadas sobre a escultura de uma caveira: "Eu fui o que és. Tu serás o que sou".

E pode ser que também se deva a esse "Dia de Finados", com seu grave começo, em que a família do finado realiza sua fúnebre refeição entre velas acesas sobre a sepultura, para que depois os jovens embriagados procurem, sobre a terra onde descansam seus antepassados, a perpetuação de sua raça e de sua tribo.

Esta constante mistura da vida e da morte, do surgimento e do desaparecimento, da extinção e do nascimento resalta a cada passo.

E no Dia de Finados as crianças se empanturram de caveiras de açúcar e esquilos de chocolate e brincam com brinquedos que representam esqueletos.

O Golpe na Madrugada

O sistema parlamentar de governo foi instituído no Brasil no dia 2 de setembro de 1961. Havia renunciado o presidente Jânio Quadros a 25 de agosto, quando se encontrava ausente, em missão comercial na China Popular, o então vice-presidente João Goulart, a quem caberia, sem discussão e de acordo com o preceituado na Constituição, substituir o presidente que abandonava o mandato. Entretanto, os grupos mais reacionários, tendo à frente os ministros da Marinha, Aeronáutica e Guerra (almirante Sílvio Heck, brigadeiro Grun Moss e marechal Odílio Denys, respectivamente), pegas básicas do dispositivo militar fascista instalado por Jânio, articularam um golpe de direita, "vetando" a posse de Jango sob o pretexto de que o atual presidente instauraria um governo comunista. Iam mais longe os golpistas: insistiam até na "absoluta inconveniência do sr. João Goulart regressar ao País". Rasgou-se a Constituição, centenas de pessoas foram presas, dezenas de organizações sindicais e estudantis tiveram suas sedes invadidas e interditadas. Instituiu-se a censura na televisão, no rádio e nos jornais, foi decretado o estado de sítio de fato. As forças democráticas e o povo ergueram-se então contra o golpe em execução. Os trabalhadores levaram a efeito uma greve geral, o governo do Rio Grande do Sul e as forças armadas ali sediadas declararam-se pela legalidade. Em todo o Brasil o povo saiu às ruas para exigir o respeito à Constituição e a posse do presidente legal. O golpe estava abortado. Apelaram então às forças retrógradas para um golpe branco: a reforma da Constituição, transferindo para o Congresso parte ponderável dos poderes do presidente da República. Encarregaram-se da mágica os juristas do PSD e da UDN ocupando postos no Parlamento. O próprio sr. João Goulart associou-se ao cambalacho, temendo a radicalização da luta que o povo sustentava. Implantou-se, com a aprovação relâmpago do ato adicional, o parlamentarismo. Para tanto, subvertiera-se os regimentos da Câmara e do Senado e emendara-se a Carta Magna em pleno estado de sítio. Foi a maneira das cúpulas partidárias contornarem a crise, impedindo uma solução que satisfizesse às forças nacionalistas e democráticas.

Por que o Povo Vai Votar NAO

Fazer um X no quadrinho ao lado da palavra NAO, no dia 6 de janeiro, significa:

— Infligir mais uma derrota ao golpismo, liquidando com a conquista que representou para as forças retrógradas a castração dos poderes do presidente da República;

— Devolver ao povo o direito de eleger o presidente da República;

— Retirar do Governo a possibilidade de usar o Congresso como desculpa por não ter iniciado as reformas de base;

— Um golpe nas forças que pretendem a cassação dos mandatos dos deputados populares, já que representa o respeito ao voto do povo colocado nas urnas a 3 de outubro de 1960;

— Demonstrar que o povo não pactua com arranjos de bastidores pacíficos destinados a servir aos interesses do imperialismo e do latifúndio;

— Restabelecer a normalidade constitucional violada pelo ato adicional espúrio;

— Abrir caminho para a constituição de um governo nacionalista e democrático, do qual devem participar representantes de todas as camadas da população interessadas no desenvolvimento independente e no progresso do Brasil, inclusive os trabalhadores; governo que deverá adotar concretamente medidas tais como:

1 — cessação do saque imperialista de nossa economia. Industrialização do País com base nos recursos internos. Repúdio à chamada "Aliança para o Progresso" e ao Ajuste de Garantias e Investimentos. Rigoroso controle das remessas de lucros para o exterior.

2 — criação de novas empresas estatais e ampliação das já existentes. Encampação das subsidiárias da Bond and Share e de outras empresas estrangeiras exploradoras de serviços públicos. Encampação dos frigoríficos norte-americanos e ingleses. Extensão do monopólio estatal de petróleo ao refino, importação e distribuição. Monopólio estatal da energia atômica. Proibição aos capitais estrangeiros de atuarem no ramo de seguros e aos bancos exteriores de receberem depósitos no País.

3 — monopólio estatal de câmbio.

4 — reforma agrária radical.

5 — combate real à inflação e à carestia. Aumento de impostos sobre os altos rendimentos. Combate à especulação com os gêneros alimentícios e normalização do abastecimento. Elevação geral de salários e vencimentos.

6 — defesa e ampliação das liberdades democráticas. Registro eleitoral do Partido Comunista. Revogação da Lei de Segurança. Abolição das discriminações antidemocráticas da Lei Eleitoral. Amplo reconhecimento do Direito de Greve. Extensão do direito de voto aos analfabetos, marinheiros e soldados.

7 — ampliação e diversificação do comércio exterior, mediante a intensificação das relações comerciais com os países socialistas, com a Europa e com a América Latina.

8 — Ampliação de uma política externa independente e de paz. Defesa da autodeterminação dos povos. Luta pela cessação das experiências atômicas e pelo desarmamento geral e completo. Defesa da Revolução Cubana.

O NAO a 6 de janeiro representa, pois, uma tomada de posição pela libertação nacional, contra o imperialismo e seus agentes internos, contra o latifúndio, contra a inflação e contra a carestia, pelas liberdades democráticas, pela paz e por melhores condições de vida para o povo.

Domingo - Dia 6 Povo Vai Fazer um X ao Lado da Palavra NAO

No próximo domingo, dia 6, o povo estará sendo chamado, em todo o País, a responder sobre se é favorável ou não à revogação do chamado ato adicional número 4, que instituiu o parlamentarismo. É a primeira vez que no Brasil se consulta o povo sobre o sistema de governo a vigorar. A realização do plebiscito é uma medida altamente democrática, em que pese a absurda marginalização a que mais uma vez foram atriados os analfabetos e as praças de pra. O referendo constitui-se, certamente, no acontecimento político de maior transcendência do começo de ano — o que diz da importância com que os trabalhadores e o povo devem encarar-lo, todos comparecendo em massa às urnas.

É fato incontestável, registrado mesmo pelos observadores políticos de todas as tendências, o avanço da consciência política do povo brasileiro nos últimos anos, particularmente após a renúncia do sr. Jânio Quadros. Desde então tem-se constatado u'a maior presença das camadas populares nos acontecimentos políticos, um dos fatores de aceleração do curso de emancipação

nacional e de derrocada do latifúndio. Comparecendo ao plebiscito o povo estará afirmando a sua participação no processo político.

Nas cédulas de votação os eleitores encontrarão a pergunta: «Está de acordo com o ato adicional que instituiu o parlamentarismo?» A essa pergunta as diversas tendências políticas nacionalistas e democráticas responderão com um NAO. Tal resposta não representa apenas uma opção pelo presidencialismo, o que, como afirmam os comunistas na resolução de sua última reunião nacional, não é uma questão decisiva para a solução dos problemas básicos do povo brasileiro. O NAO significa, antes de tudo, uma demonstração às cúpulas políticas e partidárias — tanto àquelas ligadas aos interesses antinacionais como às que conchavaram e conciliaram com os inimigos da Nação — de que nenhuma decisão mais poderá ser tomada no Brasil sem a participação das forças populares, sem a participação do povo.



Quem Está Com o Progresso

Com o povo, responderão NAO ao ato adicional no dia 6 de janeiro as forças nacionalistas e democráticas, aquelas correntes políticas, organizações populares e personalidades patrióticas que se têm colocado sempre, na nossa história, ao lado do progresso e da democracia.

Dirão NAO os trabalhadores, que nas sedes de suas organizações de classe, em todo o País, realizaram atos públicos de esclarecimentos e conclamação em torno da posição que postulam, manifestada através de pronunciamentos oficiais de suas entidades mais representativas, como o Comando Geral dos Trabalhadores e a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria.

Dirão NAO os camponeses, lavradores e assalariados agrícolas, que em centenas de assembleias e em proclamação da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil anunciaram por toda parte a sua decisão.

Dirão NAO os estudantes, universitários e secundaristas, unificados na UNE e na UBES, de tantas tradições na luta pela democracia e pela libertação nacional.

Dirão NAO os intelectuais progressistas, os jovens militantes da cultura popular e os artistas queridos do povo, irmanados nos Centros Populares de Cultura que, utilizando o teatro, o cinema, a poesia, o canto e tantas outras formas de exteriorizar o sentimento popular, demonstraram ao povo em todos os Estados a imprescindibilidade do repúdio ao ato adicional.

Dirão NAO os comunistas, e os partidos políticos ligados às camadas populares, como o Partido Trabalhista Brasileiro, o Partido Socialista Brasileiro e o Partido Social Trabalhista.

Dirão NAO o Instituto Superior de Estudos Brasileiros, e dirão NAO todos os educadores e professores democratas.

Dirão NAO Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul e deputado federal mais votado no País, que comandou o principal núcleo de resistência ao golpe em 1961 e que se vem destacando pela denúncia do imperialismo espoliador.

Dirão NAO Miguel Arraes, eleito pelas forças democráticas governador de Pernambuco, patriota estretamente vinculado ao povo.

Dirão NAO parlamentares e políticos populares como Aurélio Viana, Sérgio Magalhães, Almino Afonso, o sargento Garcia e Tenório Cavalcanti.

Os Inimigos do Povo Vão Votar Sim

Contra o NAO, isoladas, encontrar-se-ão domingo, as forças da reação. Pregando um SIM sem ressonância, ou uma abstenção a que o povo se furtará, os inimigos da democracia e agentes da espoliação imperialista norte-americana sentirão em mais uma ocasião a repulsa popular à sua conduta antinacional.

Está contra o NAO a UDN, com seus juristas criadores de fórmulas condicionadoras de golpes.

Estão contra o NAO os caciques do PSD, com o bolorento Amaral Peixoto à frente.

Estão contra o NAO os grandes latifundiários de todos os partidos.

Estão contra o NAO os gorilas do dispositivo militar fascista armado por Jânio, com Sílvio Heck (o da ORDEM) no comando, e todos os outros gorilas, com esse ridículo Danilo Nunes, ligado aos "tiras" do FBI e aos salazaristas da rua Acre.

Estão contra o NAO o IBAD, o MAC e outras siglas estipendiadas pelo imperialismo.

Estão contra o NAO os fascistas de todos os matizes, como Armando Falcão e Mem de Sá, inimigo jurado da escola pública.

Estão contra o NAO a senilidade ingloria de Raul Pila e Gustavo Corção, os ladrões do povo, como Adhemar de Barros, e os exploradores de certas chagas sociais do regime, como Nelson Carneiro, gigolô do divórcio.

Está contra o NAO Herbert Levy, banqueiro plutocrata, ligado aos capitais norte-americanos que nos exploram, praticante de fraudes cambiais.

Está contra o NAO toda a imprensa vendida aos trustes lanques, como "O Globo" e o "Estado de São Paulo", na vanguarda.

Está contra o NAO, numa palavra, Carlos Lacerda.

NOVOS RUMOS